

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Director: Padre Luiz



A imponente varanda da casa-mãe da nossa Aldeia de Paço de Sousa.
«Cedros, granito — beleza eterna.»

Notas do tempo

É a tarde de 25 de Abril de 1976. Televisão e Rádio vão-nos informando de como decorrem as eleições por esse País em fora.

Admirável o nosso Povo! Quem se atreverá a dizê-lo indigno ou incapaz da Democracia?! Tão lisonjeado tem sido quanto desservido por vãos faladores, obreiros de nada ou de demolição — o Povo verdadeiramente trabalhador que merece um Estado que O sirva e não que diga que O serve.

«Heróis do Mar, nobre Povo, Nação valente e imortal...» Tem parecido insinuar-se que a nossa história é um passado de vergonhas. Heróis silenciados, quando não transformados em anti-heróis; e estes, feitos à pressa, invertidos em «Nação valente e imortal».

Como há um século, em hora de decadência, é urgente «sentir entre as brumas da memória, a voz dos nossos egrégios avós», para «levantar hoje, de novo, o esplendor de Portugal». Não o esplendor de um triunfalismo fácil, cantado em falsete patrioteiro; sim a dignidade de um País honrado que tem o seu lugar, modesto mas de direito, no seio das nações. Um País consciente da sua verdadeira dimensão e pronto a respeitá-la, a preenchê-la e — porque não?! — a ampliá-la pelo esforço perseverante de se ultrapassar a si-mes-

mo cada um dos seus cidadãos.

Não é ao Povo que faltam qualidades potenciais para este projecto. O que lhe falta são dirigentes que, antes de mais, assumam, humildemente, para si este mesmo projecto, para depois cumprirem o seu papel de dinamizadores de um progresso que depende menos do progressismo das ideias do que da vontade decidida de «pôr a mão ao arado e não olhar para trás».

Homens, homens que entendam o poder como o serviço dos outros e não de si-próprios ou do seu clã, onde estarão eles?... — eis a dramática interrogação que a todos se nos põe.

Só a perfeição do Homem

fará a Sociedade perfeita. Estruturas são estruturas. Meio inegavelmente necessário, a investigar diligentemente quais as mais adaptadas a cada Povo, que delas não há à venda em «pronto-a-vestir».

Aqui não se põe o problema do ovo e da galinha. Primeiro é o Homem. Ele conceberá as estruturas e elas ajudá-lo-ão a progredir e a perseverar. Quanto mais lineares, quanto mais ao rés da Natureza que Deus fez, tanto mais fecundas serão para a fecundidade do Homem, a cuja felicidade devem ser ordenadas. E o Homem irá vendo os seus defeitos e corrigindo; e

Cont. na QUARTA pág.

Festas

Através da vidraça do lugar onde escrevo eu vou mastigando a beleza do ensaio geral que os festeiros estão a fazer. Hoje é com roupas e tudo. Eu não acreditava que tudo ia ser tão vistoso!

Não sei se hei-de escrever, se hei-de somente saborear. Mas se saboreio sozinho, os Amigos ficam com água na boca. Que encanto que tudo isto é! Que encantadores que todos eles são! E o Ruizinho que há dias, à mesa, trepou por mim a cima a dizer com os dedos que fazia três anos. Que lindo ele vai ser, pois tão lindo ele é!

Quando esta notícia chegar a teus olhos já muitos nos têm abraçado e beijado. Quando chegarmos à tua beira não fiques de braços cruzados. Vem fazer a Festa connosco. O ambiente na sala do Avenida, de Coimbra, foi tão escaldante e ficou tanta gente sem lugar, que nos obriga a segunda Festa, no dia 13 de Junho às 18,15 h!

Atenção à «tournée»:

- 10 de Maio — Teatro-Cine — Covilhã
- 11 " " — Cinema Gardunha — Fundão
- 12 " " — Cine-Teatro Avenida — Castelo Branco
- 15 " " — Salão dos Bombeiros — Cantanhede
- 16 " " — Teatro Alves Coelho — Arganil
- 24 " " — Cinema do Casino Peninsular — Figueira da Foz
- 27 " " — Cine-Teatro Messias — Mealhada
- 30 " " — Monumental — Lisboa
- 4 de Junho — Cine-Teatro José Lúcio da Silva — Leiria
- 11 " " — Teatro de Anadia — Anadia
- 13 " " — Teatro Avenida — Coimbra

Padre Horácio

Lourenço Marques

A nacionalização do Ensino e Saúde em Moçambique surpreendeu-nos pela forma como foi processada. Bastaria dizer que após o discurso do Presidente foi executada, imediatamente, pelas forças populares. Os próprios sectores governamentais foram surpreendidos. Fui testemunha do desapontamento e desorientação.

Aparecem, depois, a Comissão do Fundo Liquidatário do Ensino Particular que se apropriou dos fundos e de todos os bens. Poderia ter-se chamado comissão de extinção. Os cofres foram fechados, as contas de banco congeladas e os bens arrolados. Nalgumas Missões apontaram minuciosamente o que os missionários tinham no quarto; até as árvores foram contadas nos campos. Autenticamente presos em sua casa, pois nem no quarto podiam entrar sem a companhia de um guerrilheiro e para retirar os ovos da capoeira tinham de fazer uma requisição ao Camarada.

A nossa Aldeia, como instituição de educação, foi abrangida na sua totalidade. Chegaram um dia três elementos da Judiciária, mais uma militante branca. Rapariga nova, educada e muito atenta a tudo. Arrolamento de todos os bens, móveis e dinheiro que era apenas 217\$20 e nos dias seguintes fica connosco para observar e fazer o seu relatório minucioso, conforme instruções que trazia em carta de porte, onde era exigido «ao ex-director da Casa do Galato» que facultasse tudo quanto precisava. Atenção rara ou única.

Não é necessário encarecer o temor, não de nos expormos tais quais, mas sim pela presença dos agentes da Polícia, muito enigmáticos, que durante um mês não saíram da nossa Casa, dia e noite.

Continua na QUARTA página

Vocações

Celebra-se em 9 de Maio o 12.º Dia Mundial de Orações pelas Vocações. O Sumo Pontífice, chefe visível da Igreja, roga a toda a Cristandade que ore e se debruce sobre o magno problema das vocações sacerdotais, em ordem a garantir, no espaço e no tempo, o anúncio da Boa Nova.

Se é certo que Cristo é o grande «chamado» e n'Ele todas as coisas foram chamadas à existência, todos nós, por razão da Sua vocação, somos solicitados a realizar a nossa, na e para a Comunidade, exercendo embora funções diferenciadas, segundo os dons ou carismas recebidos. Uma sociedade, dita cristã, que não for capaz de dar resposta, individual e colectiva, às suas necessidades e exigências, estará a negar o seu qualificativo e a atraiçoar a sua vocação. Mais: quem, dizendo-se cristão, é insensível a esta problemática, não pode considerar-se, em verdade, discípulo de Cristo e cónscio das suas responsabilidades.

Não importa multiplicar a esmo o número de sacerdotes ou religiosos. Urge apenas que aqueles que são efectivamente chamados correspondam aos designios do Alto, desembaraçando-se dos escolhos satâni-

cos que os enleiam ou subjugam, em ordem à satisfação das necessidades sacramentais do Povo de Deus, bem assim à pregação da Palavra e ao exercício do poder messiânico da Igreja. Ao fim e ao cabo trata-se de cada um ocupar o seu lugar, sem ideias de triunfalismo mas na mera perspectiva de servir, certos que devemos sempre constituir um «pequeno rebanho» ou um «resto», em ordem ao fermento da massa humana ou como luz e sol do mundo.

Nenhuma comunidade ou indivíduo pode, pois, eximir-se de rogar ao Pai que envie operários para a grande messe em que nos inserimos e de que somos solidários. Fomentar e cultivar vocações sacerdotais ou religiosas é um dever de todos os cristãos, a começar nas famílias, não fazendo sentido que lastimemos a sua falta quando nos recusamos a acalentá-las ou até nos opomos decididamente a que elas surjam no nosso sangue.

É a Obra da Rua uma instituição da Igreja que se dedica ao apostolado da Caridade incarnado em acção social, mormente ao serviço dos Rapazes e Doentes abandonados, sem família ou em condições equivalentes e dos Irmãos sem

abrigo. Também ela supõe vocações específicas, de sacerdotes e de leigos, homens e senhoras, sob pena de deixar de ser o que é. Se todos ansiamos por uma sociedade mais justa e feliz, que vá preenchendo todas as lacunas ou necessidades, espirituais ou temporais, que sempre as haverá, não vemos como prescindir, para já, sem violência ou arbitrariedade, dos seus serviços e, consequentemente, de vocações para realizar os seus fins. Enquanto as necessidades se multiplicam vão-se sentindo naturalmente o peso dos anos e do desgaste físico e anímico. Por isso ansiamos, embora convictos que Deus haverá de suscitar as vocações indispensáveis enquanto a Obra for precisa e útil, a vinda de novos operários, dispostos a substituir e a continuar no mesmo espírito aqueles que receberam de Pai Américo o facho de amor aos Homens neste cantinho da messe.

Aos Amigos da Obra que têm fé recomendamos a intenção atrás expressa. Aos Jovens que gostariam de ver a sua generosidade concretizada e para quem as utopias ou quimeras nada dizem ou representam, apelamos: venham e analisem seriamente o problema de uma

não existia. Alguns dias após, tive uma reunião formal com os responsáveis. Foi-me perguntado se aceitava trabalhar em Moçambique. Pelo que então sabia, estava com a Revolução. Respondi que sim, com tanto entusiasmo como oito anos antes, ao chegar. Só punha uma condição: não ser funcionário do Governo. «Sou Padre da Rua, disse; a minha vida, e tudo aquilo de que for capaz, está inteiramente ao serviço das Crianças mais carecidas de Moçambique. Não preciso de mais nada do que elas: o mesmo tecto, a mesma mesa e a mesma roupa.» Há muito que não usava batina, nem distintivo. «Mas eu sou padre, da ponta dos cabelos às unhas dos pés. Sou padre para as crianças, como sou padre aqui à vossa frente. Só como padre entendo a minha vida e a ofereço às crianças de Moçambique.» Percebi que as minhas palavras os deixaram um tanto embaraçados.

Perguntei-lhes então se haveria alguma coisa a modificar quanto à maneira de ser e orgânica da Casa do Gaiato. Responderam-me que os internatos da Frelimo, nas zonas libertadas, tirando o aspecto religioso, eram como a nossa Casa. Ainda quis acreditar, mesmo sem ver. Uma carta, recebida há dias, me diz que «agora os rapazes são maltratados, andam todos sujos, esfarrapados, descalços e até chegam a pedir esmola».

Pobres crianças a quem pensava eu nunca abandonar.

hipotética vocação. As Senhoras, viúvas ou solteiras, dispostas ao sacrifício e ao exercício duma vocação autêntica de mães de família, que nos procurem. O mundo está cheio de palavras e de messias e importa passar à acção. Só Cristo é verdadeiro Libertador e o único modelo de Amor e de Justiça que nos pode levar a produzir obras plenas de luz. N'Ele encontraremos a força para vencer as dificuldades próprias e alheias.

Quem nos diz, Leitor, que também és dos escolhidos entre os muitos dos chamados. Pensa e estuda a tua vocação. Aquil verás, no meio de pessoas vulgares, com defeitos e limitações, como é possível dar testemunho da única Testemunha que é Cristo, que tudo deu pelos Homens. Não desperdices o tempo e, muito menos, deixes passar a tua hora, que é também a dos Irmãos mais pobres e desamparados. Vem. Como agora se diz: já! Amanhã poderá ser tarde.

Lar Operário em Lamego

Cont. da TERCEIRA pág.

apesar das nossas dificuldades, não devíamos dizer que não; e os senhores professores acharam por bem dispensar-nos do pagamento. Como o mundo seria diferente e muito melhor, se cada um tivesse a consciência de que faz parte de um todo, para o qual tem de contribuir, não de qualquer forma, mas segundo a responsabilidade que lhe cabe.

● A Tómbola continua a dar-nos pão. Alguns mandaram prendas que a tornaram mais atraente. A senhora do Porto,

Notas do tempo

Cont. da PRIMEIRA pág.

elas responder-lhe-ão com nova acuidade de vista, com nova capacidade de resolução.

Este é o projecto de um Povo livre constituído por homens livres, comprometidos todos no aperfeiçoamento social, que sabem passar pela sua vontade de perfeição pessoal.

O Homem, cónscio das suas limitações, gera as estruturas em pensamento e desejo de que elas crivem os seus erros, complementem as suas carências, compensem o que ele deve e não dá e o acordem para o dever e o impulsionem para o seu exercício livre. Mas é ele o senhor delas e elas para ele. Elas são coisas; Ele, pessoa. Como o computador que o génio do Homem construiu e chega num instante aonde Ele só penosamente chegaria.

Homens que sejam homens capazes de imprimir a um Povo a força viva que porá em acção o dinamismo colectivo e O fará levantar-se hoje, de novo, à Sua dimensão autêntica, que é o seu esplendor — onde estarão eles?! Suprirão as suas vozes de comando, «a dos egrégios avós, que hão-de guiar-nos à vitória?»

Padre Carlos

Padre Duarte

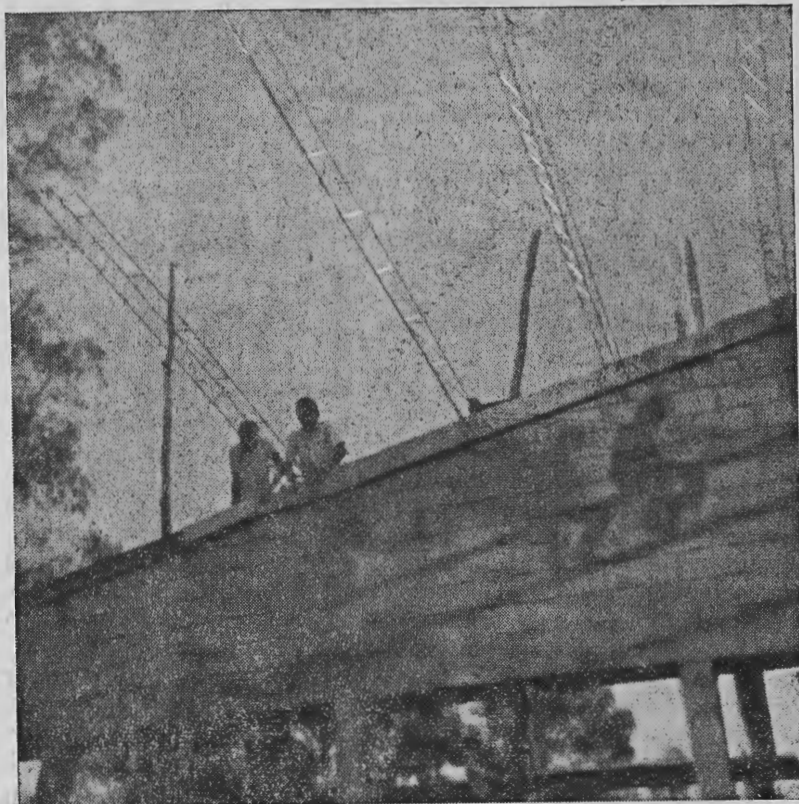
LOURENÇO MARQUES

Cont. da PRIMEIRA pág.

Por esse tempo, foram vários os missionários presos e expulsos, acusados gratuitamente de desviar dinheiro, acções fraudulentas de sabotagem ao processo revolucionário e, à falta de outros motivos, da mais incrível imoralidade. Nunca foram admitidas nem ouvidas quaisquer explicações ou defesa e casos sei, em

que houve pura invenção. Um Bispo, cuja envergadura tem sido torpedeada cá, atreveu-se a ir ao Presidente pedir um inquérito às arbitrariedades e a resposta foi a desculpa de «falta de quadros». Crelo, porém, que após isso não mais se cometeram.

Quando contactei a dita Comissão, na primeira de uma longa série de vezes, foi-me dito que a Casa do Galato já



No Infulene, levantámos, assim, pelas nossas mãos, toda uma obra inteiramente ao serviço das Crianças mais carecidas de Moçambique.



PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA

Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

Padre José Maria